



Metodologias não amadas: Estudos Culturais para as pesquisas em mídias e relações de gênero

Samilo Takara¹

Fernanda Amorim Accorsi²

RESUMO

Este texto apresenta um ensaio teórico-reflexivo sobre o que nomeamos de metodologias não amadas. Sugerimos a alquimia em vez da receita pronta para a produção de pesquisas com o objetivo de provocar debates acerca das contribuições das perspectivas metodológicas que atravessam as discussões sobre mídias e relações de gênero para pensar a pesquisa em Educação. A pesquisa em Estudos Culturais e Educação é uma prática que difere da dimensão de produção científica que aplica os métodos fechados, prontos e conclusivos. Debruçamo-nos sobre a produção de dados como criação de verdades outras, de disputas pelos sentidos e significados que foram atribuídos às identidades de gênero e que formulam na mídia performances e perspectivas que educam modos de ser e de agir. Discutimos que o fracasso está associado às rotas alternativas que não constam nos manuais de metodologia porque não foram desbravadas, ainda estão incipientes porque nenhuma pesquisa passou por ali. Reconhecemos que esta proposta não ignora as contribuições até aqui fornecidas por metodologias amadas, repetidas e canonizadas, mas indica outras interpretações. O trabalho de utilizar as metodologias não amadas também é uma proposta ético-política de se produzir um conhecimento que seja transitório, variável, plural e que entre nas disputas por outras formas de interpretar, produzir e conhecer o mundo. A tarefa de pesquisar por outras metodologias também estimula as/os pesquisadoras/es a buscarem outras direções por meio da alquimia da prática científica.

Palavras-chave: Educação, alquimia, fracasso, conhecimento ético-político.

¹ Doutor e Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (UEM/PR). Graduado em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/PR (UNICENTRO/PR).

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestra em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Especialista em Comunicação e Educação pela Faculdade Cidade Verde (FCV). Pedagoga pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Jornalista pelo Centro de Ensino Superior do Paraná. Professora Adjunta do Departamento de Educação (DEDI), campus Prof. Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

ABSTRACT: This text presents a theoretical-reflective essay on what we call unloved methodologies. We suggest alchemy instead of a ready-made recipe for the production of research with the aim of provoking debates about the contributions of methodological perspectives that permeate discussions on media and gender relations to think about research in Education. Research in Cultural Studies and Education is a practice that differs from the dimension of scientific production that applies closed, ready and conclusive methods. We focus on the production of data as the creation of other truths, of disputes over the senses and meanings attributed to gender identities and which formulate performances and perspectives in the media that educate ways of being and acting. We argue that failure is associated with alternative routes that are not included in the methodology manuals because they were not explored, are still incipient because no research has gone through there. We recognize that this proposal does not ignore the contributions hitherto provided by beloved, repeated and canonized methodologies, but indicates other interpretations. The work of using unloved methodologies is also an ethical-political proposal to produce knowledge that is transitory, variable, plural and that enters into disputes for other ways of interpreting, producing and knowing the world. The task of researching other methodologies also encourages researchers to seek other directions through the alchemy of scientific practice.

Keywords: Education, alchemy, failure, ethical-political knowledge.

RESUMEN: El texto presenta un ensayo teórico-reflexivo sobre lo que llamamos metodologías no amadas. Sugerimos la alquimia en lugar de una receta prefabricada para la producción de investigación con el objetivo de provocar debates sobre los aportes de las perspectivas metodológicas que permean las discusiones sobre medios y relaciones de género para pensar la investigación en Educación. La investigación en Estudios Culturales y Educación es una práctica que se diferencia de la dimensión de la producción científica que aplica métodos cerrados, listos y concluyentes. Nos enfocamos en la producción de datos como la creación de otras verdades, de disputas sobre los sentidos y significados atribuidos a las identidades de género y que formulan performances y perspectivas en los medios que educan formas de ser y actuar. Argumentamos que el fracaso se asocia a rutas alternativas que no están incluidas en los manuales de metodología porque no fueron exploradas, aún son incipientes porque no se ha realizado ninguna investigación por allí. Reconocemos que esta propuesta no ignora los aportes hasta ahora brindados por metodologías amadas, repetidas y canonizadas, sino que indica otras interpretaciones. El trabajo de utilizar metodologías no amadas es también una propuesta ético-política para producir un conocimiento transitorio, variable, plural y que entra en disputas por otras formas de interpretar, producir y conocer el mundo. La tarea de investigar otras metodologías también anima a los investigadores a buscar otras direcciones a través de la alquimia de la práctica científica.

Palabras-clave: Educación, alquimia, falla, conocimientos ético-políticos.

BLASFÊMIAS INTRODUTÓRIAS

Praticar os Estudos Culturais, como nos estimulam escritas como as de Bonin, Ripoll, Wortmann e Santos (2020), é uma tarefa que nos fornece elementos para problematizar o desenvolvimento do conhecimento científico tal como os conhecemos. Amparadas em Zago (2017) a pensar uma proposta de pesquisa não fascista, intentamos “[...] até onde e até quando é possível exercer, o ensaio como exercício de pensamento que busca desprender-se do já conhecido, modificar quem pesquisa e promover a produção de conhecimento que implique nas existências daqueles sujeitos que lhe concernem” (ZAGO, 2017, p. 92).

Assim, há uma empreitada para os Estudos Culturais que interessa, nesta perspectiva, ao produzir sentidos em que as praticantes

[...] não buscam assumir o papel de privilegiados propositores de soluções imediatas para problemáticas que afetam as sociedades contemporâneas – preocupam-se, no entanto, com a indicação de tais problemáticas, com o mapeamento de suas condições de possibilidade, com a investigação dos modos ou das circunstâncias de sua emergência, bem como das práticas e dos sujeitos implicados em tais problemáticas, sendo essas as ações políticas com as quais tais estudos, predominantemente, se preocupam (BONIN; RIPOLL; WORTMANN; SANTOS, 2020, p. 2-3).

Propor produções a partir da dimensão de praticante, ao invés de teórico ou pragmático, é propor que os Estudos Culturais exigem na dimensão teórico-política um exercício que é político e que se recusa “a ser uma grande narrativa ou um meta-discurso de qualquer espécie. Sim, consiste num projeto aberto ao desconhecido, ao que não se consegue ainda nomear” (HALL, 2003, p. 189). Assim, há que se considerar que estamos em uma tarefa de praticar uma forma de estudo, de investigação que reconheça que “[...] é não fascista a pesquisa que contesta a paixão pelo poder, que recusa e resiste aos avanços das práticas de ódio” (ZAGO, 2017, p. 92).

Assim, praticar Estudos Culturais na pesquisa é uma produção teórico-política que evoca necessidades de metodologias outras. Instigadas pela abordagem teórica, a metodologia nesta perspectiva segue por outras compreensões, porque como afirmam Nelson, Treichler e Grossberg (2013, p. 9), os Estudos Culturais “não têm nenhuma metodologia distinta” e, desse modo, podem ser entendidos como uma *bricolage*, que é movida na ação de pesquisa como escolha que é “pragmática, estratégica e autorreflexiva”.

Ter por horizonte que essa perspectiva é chave para entender a torção teórica dos Estudos Culturais acerca da metodologia, compreendemos que respondem ao que Grossberg (2009 *apud* BONIN; RIPOLL; WORTMANN; SANTOS, 2020, p. 4) indica como propostas para a construção de conhecimento com base na “contextualidade radical e com o construcionismo, bem como com uma política responsável pela promoção de transformações sociais”.

Diante dos expostos, iniciamos a tarefa a partir do objetivo de provocar debates acerca das contribuições das perspectivas metodológicas que atravessam as discussões sobre mídias e relações de gênero para pensar a pesquisa em Educação. Caetano (2011, p. 23) apresenta, no diálogo com a produção intelectual de Marcela Lagarde, a compreensão de que “nossas bibliografias são mais que estes estatutos, elas servem de inspirações metodológicas”. Assim, problematizar a pesquisa em Estudos Culturais e Educação é uma prática que difere da dimensão de produção científica que aplica os métodos fechados, prontos e conclusivos. É, entre outras coisas, uma tarefa intelectual de criação, de exibição de rotas possíveis de tratamento de dados e objetos de estudo.

Nesse movimento, acompanhamos a empreitada indicada por Corazza (2002, p. 121) de que as escolhas metodológicas são de alquimia e, desse modo, é o que resulta “uma bricolagem diferenciada, estratégica e subvertedora das misturas homogêneas típicas da modernidade”. Em diálogo com Bellini (1988, p. 66), a cultura do serrote que traz uma ideia de que a pesquisadora deve fazer as articulações metodológicas na tentativa de operar de forma mecânica e não intelectual com a perspectiva da pesquisa

[...] a cultura do “serrote”, ou seja, a noção de que uma “ideia”, um autor (ou um conjunto deles) aliado a uma técnica (o serrote) faz uma investigação. Basta um “conteúdo” e uma técnica e lá se tem uma pesquisa. A técnica entendida como “algo” que faz o recorte do objeto a ser estudado pode ser, nesse caso, os livros que o “pesquisador vai ler”, como vai “juntar” os referenciais para provar sua ideia, a entrevista, a busca na biblioteca dos livros e outras coisas mais. É o serrote que vai serrar a leitura ou as entrevistas e... (BELLINI, 1988, p. 66).

Assim, defendemos que em vez da oficina, optemos pela mistura alquímica. É relevante trazer que essa noção de mistura, de transformação e de produção que essa metáfora da alquimia nos permite, é uma ação complexa. A pesquisa na perspectiva alquímica indicada por Corazza (2002) sugere uma ação de pesquisa, em que as pessoas praticantes dos Estudos Culturais produzem em um trabalho de desenvolvimento de ações

que sejam analíticas e versem por outros olhares.

Alquimia que rompe com as orientações metodológicas formalizadas na e pela academia (particularmente, nos cursos de pós-graduação), cuja direção costuma ser a das abordagens classificatórias, tão ao gosto de certas publicações sobre pesquisa educacional, em que cada método vem apresentado em estado puro (CORAZZA, 2002, p. 121).

Inspiradas na dimensão alquímica e na tarefa de desestabilizar uma cultura do Serrote, tal como contribui Bellini (1988) e no diálogo com Corazza (2002) e Caetano (2011), debatemos, o que chamamos, de metodologias não amadas. Referimo-nos às formas de discutir como as experiências, as vivências e as existências, que produzem pesquisas e conhecimentos, podem ser usadas e, ainda, fazer sentido para pensar as relações de gênero e as mídias nestas perspectivas.

A vida se constitui o *lócus* privilegiado da experiência, do saber e do conhecimento. A aprendizagem, seja involuntária ou estruturada em currículos, é uma ação socialmente construída, assim, sua constituição se inscreve na biografia, porque esta se constitui na experiência. A vida cotidiana oferece uma multiplicidade de momentos, lugares, espaços, situações e relações nas quais originam atos formativos de aprendizagens. Com isso penso que tenha esclarecido que não encaro a história de vida sob a lente da racionalidade ocidental moderna que vê o mundo como se tudo dependesse da ação consciente. Percebo esta estratégia como eficaz justamente porque permite a compreensão das múltiplas especificidades que constituem a complexidade dos sujeitos. Entendo as narrativas biográficas como um trabalho de leitura da experiência que arquiteta, busca e reúne elementos para compor a trama do que é narrado. O tempo de nossas vidas é, então, o tempo que conseguimos narrar; é o tempo articulado intensamente em uma história, é a história de nós mesmos tal como somos capazes de imaginá-la, de interpretá-la e de contá-la a nós e aos outros (LARROSA, 1994 *apud* CAETANO, 2011, p. 26-27).

As culturas são produzidas e constituem as formas de produzir sentidos e explorar os modos de expressão dos artefatos midiáticos e das relações de gênero, que podem ser analisadas para pensar a pesquisa em Educação e, ao mesmo tempo, há uma tarefa de questionar os caminhos ditados pelos métodos, os quais podem oferecer rotas e dados, bem como interpretações acerca do mundo, das pessoas e de nós.

Desse modo, também nos aproximamos da contribuição de Halberstam (2020) para provocar um diálogo sobre o fracasso como estratégia de resistência aos jogos de dominação que se estabelecem - e que geram efeitos diferentes acerca da produção de sentidos. As pesquisas que utilizam metodologias não amadas estão nessa chave de

interpretação em que os métodos não são fixos ou, ainda, que a confiança na ideia de verdade precisa ser desestabilizada em busca de compreendermos como gerar outras análises sobre o conhecimento científico.

Que tipos de recompensas o fracasso pode nos oferecer? Talvez o mais óbvio é que o fracasso permite-nos escapar às normas punitivas que disciplinam o comportamento e administram o desenvolvimento humano com o objetivo de nos resgatar de uma infância indisciplinada, conduzindo-nos a uma fase adulta controlada e previsível. O fracasso preserva um pouco da extraordinária anarquia da infância e perturba os limites supostamente imaculados entre adultos e crianças, ganhadores e perdedores. E ainda que, indubitavelmente, o fracasso venha acompanhado de uma horda de emoções negativas, tais como decepção, desilusão e desespero, ele também proporciona a oportunidade de usar essas emoções negativas para espetar e fazer furos na positividade tóxica da vida contemporânea (HALBERSTAM, 2020, p. 21).

Ao tomarmos a perspectiva do fracasso como pressuposto possível de fazer pesquisa, não ignoramos o pensamento científico desenvolvido até aqui – ou não desvalorizamos as pesquisas que optam por estruturas rígidas de metodologia e perspectivas teóricas que estabilizam saberes, valores e sentidos –, nossa proposta aqui se mostra em outra direção. Amparadas pelas contribuições de Haraway (2009), ao apresentar a blasfêmia como ação para o pensamento, seguimos na provocação de discussões que não acompanham a apostasia, mas que nos sugere diferentes possibilidades de produção do conhecimento científico.

METODOLOGIAS FRACASSADAS

Haraway (2009, p. 35) nos convoca a reconhecer que a “ironia tem a ver com o humor e o jogo sério”, assumimos a perspectiva de “uma estratégia retórica e um método político” que a pensadora oferece como caminho para pensar as contribuições no feminismo socialista. Diante das metodologias não amadas, nossa provocação é a de fazer da metodologia uma alquimia ao invés de um livro de receitas.

Ainda que produtivas, as receitas geram uma expectativa de mundo e de experiências que parecem validar as posições daquilo que já está posto. Corazza (2002) nos fala da pesquisa ser fruto da insatisfação com o que se já sabe. Assim, se estamos dispostas a entrar nos campos da pesquisa pelas dúvidas e despidas de um cimento de certezas,

como nos ensina Swain (2004), as águas que aqui nos propomos a imergir são as possibilidades de entender as metodologias tão intelectuais como as fundamentações teóricas.

Assim, alimentadas pela perspectiva de métodos como estratégias, acompanhadas pelos olhares da blasfêmia e focando no fracasso, esta proposição de pensar as metodologias para as análises de mídias e relações de gênero nas perspectivas dos Estudos Culturais não é um receituário. Não há o que dizer à leitura que compreenda que vamos ensinar como o método deve ou pode ser usado, mas em direção distinta, marcar que a produção metodológica permite que outros olhares sejam reconhecidos, que outras identidades de gênero venham à tona, que outros tratamentos das mensagens midiáticas sejam validados porque, especialmente, destoam daquilo que tem sido feito nas pesquisas em Educação.

Por estas vias, o interesse na pesquisa não é expor uma metodologia (ou um grupo delas) que defina a colheita dos dados como se fossem naturais e estivessem à espera de uma mão científica que apanhasse da realidade para identificar a verdade desde sempre. Em outra direção, nos debruçamos a entender a produção de dados como criação de verdades outras, de disputas pelos sentidos e significados que foram atribuídos às identidades de gênero e que formulam, na mídia, performances que educam modos de ser e de agir.

Nestas andanças pelas produções acadêmicas, perguntas que orientam esse incômodo emergem da analítica e do diálogo com as pessoas que empreendem pesquisas. Em outras palavras, as pesquisas são produzidas por pessoas, as quais são atravessadas por marcadores como gênero, raça/etnia, classe social, geração, cuja cola cultural orienta, sobretudo, os seus modos de fazer pesquisa. Assim, se ocultamos – ou tentamos – os referidos marcadores poderemos ignorar as preciosidades que eles estão sujeitos a desvendar, afinal quantos olhares, análises, descobertas, proposições foram deixadas à margem para centralizar – e atender – os métodos hegemonicamente aceitos?

O lastro científico que questionamos dialoga com o potencial feminista que aprendemos desde Hall (2003, p. 197) ao mostrar “o modo como o feminismo rompeu e interrompeu os estudos culturais” ao instigar leituras outras, contribuições diferentes e perspectivas que evocavam as escritas de mulheres pesquisadoras, outras formas de interpretar os fenômenos e a disputa pelos sentidos, que foram cunhados até o momento

identificando o pensamento científico com a produção intelectual de homens, cisgêneros, brancos, heterossexuais, de origem europeia e/ou estadunidense e que se encontram em condições abastadas de classe.

Questionamos se as metodologias até aqui produzidas são eficazes para as análises de dados acerca das experiências das pessoas, que não tiveram acesso a produção das metodologias, mas são convocadas a repetir os métodos tais quais aparecem nos manuais. Eis aqui a lógica do sucesso. A repetição de caminhos já traçados. Estamos em busca de outra direção, ou melhor, outras direções, que exaltem outras formas de ver o mundo, bem como profane os significados consagrados porque referenciam proibições, marginalidades e estereótipos.

Corazza (2002) ressalta que afastar-se dos ferrolhos das portas trancadas da pesquisa não significa endossar “um ‘vale tudo’ metodológico”, seria inconsequente viabilizar o discurso do “vale tudo” porque poderíamos sugerir, às pessoas mais desavisadas, que os métodos não são necessários ou justificáveis. Por isso, adiantamos que, fazer pesquisa em Educação, a partir das metodologias não amadas, é uma chance de trazer à tona quem se é – e como os dados, os fenômenos, as análises, as elucubrações podem libertar-se de pressupostos prontos que chancelam verdades pré-estabelecidas.

Não tratamos de não-método, mas de metodologias que fracassem se o sentido de sucesso for cumprir passos hegemônicos, reprodutores de proposições que alteram, apenas, o objeto e o espaço-tempo da pesquisa, mas que organizam os resultados na mesma perspectiva porque caminhos idênticos tendem a proceder pontos de chegada parecidos. Desse modo, o fracasso, a que nos referimos, está associado às rotas alternativas que não constam nos manuais de metodologia, porque não foram desbravadas, ainda estão incipientes porque nenhuma pesquisa passou por ali. A potência de fazer pesquisa exige que alguém considere este caminho fracassado, que passe a analisar as mídias e os gêneros sob a ótica do fracasso (HALBERSTAM, 2020).

Os fracassos nos estudos sobre mídias podem desorientar o dogma do/a emissor/a, porque concentra os esforços para além da mensagem enviada, para depois das imagens, palavras, cenas, diálogos e sonoridades emitidas em direção a alguém. O fracasso metodológico pode concentrar-se na recepção das mensagens, das significações diversas que ocorrem a partir de um mesmo estímulo midiático. Há, ainda, a possibilidade de análises sobre produções midiáticas que escapem das binaridades de gênero, das

proposições ocidentais apresentadas como universais e interpelem a cultura com outras verdades e outros jogos de poderes.

Assim, nos processos comunicacionais há interesses em analisarmos os ruídos – que são as falhas da troca de significados, ou, ainda, os limites que a comunicação e todo seu processo podem encontrar. Nos campos de formação que atravessam as produções das representações de gênero e sexualidade, vislumbrar os incômodos de narrativas e discursos que mostram o caráter produtivo das práticas educativas.

Não se trata de uma receita, como contestamos anteriormente, mas de inquietudes que permitam a produção da alquimia, transformando o fenômeno estudado em outro, após o tratamento das informações acessadas. A alquimia se faz com doses identitárias, por isso seria um equívoco soletrar um caminho permitido de fazer pesquisa em mídias e relações de gênero, porque os contrastes visualizados e visualizantes apenas são possíveis quando o elemento que temos em nós pode ser misturado aos demais, que estão no cenário cultural para tratamento (CORAZZA, 2002).

As metodologia não amadas causam estranhamento porque não são vistas no cotidiano, não foram endossadas pela hegemonia, não podem ser reproduzidas em estilo fabril. Nelas, há interstícios dos sujeitos que as conduzem, que as pegam pelas mãos e convidam para blasfemar os sentidos que circulam em torno das mídias e das relações de gênero. O estranhamento é útil porque desconcerta a formatação, retira o controle de quem pesquisa e o destina, especialmente, ao objeto estudado. É ele que dança em frente de quem faz pesquisa em Educação, é ele que convida a desconformar a solidez do que está posto (TAKARA, ACCORSI, 2020; GALLO, 2011).

Para visualizar a dança do objeto de pesquisa, que se insinua com os múltiplos sentidos, é indispensável a insatisfação diante do que já se sabe sobre ele. A inconformidade como pressuposto inicial de fazer pesquisa possibilita outras sinapses e reflexões que podem encaminhar a dança do objeto analisado para este ou aquele lado, indisciplinado, ele se mescla com o/a pesquisador/a e, neste instante, ocorre a alquimia (TAKARA, ACCORSI, 2020; CORAZZA, 2002).

Além disso, para alguém sentir e aceitar que está insatisfeita/o é necessário que, em outra esfera que não a dos dados ditos empíricos, sua experiência de pensamento engaje-se na criação de uma nova política das verdades, colocando em funcionamento outra máquina de pensar, de significar, de analisar, de desejar, de atribuir e produzir sentidos, de interrogar em que sentidos há sentidos (CORAZZA, 2002, p. 6).

A “nova política de verdades” não vem para substituir outra, nem quer espaço consagrado de destaque e flertes hegemônicos. Ela simplesmente existe, compondo o leque das políticas possíveis que indagam os significados, demonstrando que pode ser feita, mas não precisa ser reproduzida. Gallo (2011, p. 219) analisa que “[o] aprender é, pois, um movimento involuntário que, portanto, foge a qualquer controle. E para qual, então, não há métodos”. A pesquisa compreendida como aprendizagem social, cultural, política e subjetiva não pode ser controlada, há infinitos alcançáveis e singulares que desejam ensinar algo a alguém, mas para isso precisam ser acessados.

Assim, ao acompanharmos a afirmação de Silva (1994, p. 254) de que “[o] abandono dos significados transcendentais – como o das metanarrativas – não deve deixar saudades”, tampouco ficamos com os métodos que produziram esses significados transcendentais. Buscamos outras misturas, diferentes perspectivas e a possibilidade de fazer ciência e produzir discursos que disputem e que instiguem as pesquisadoras e os pesquisadores a seguir por outras direções.

As metodologias não amadas permitem o despertar de saberes, como podem ser considerados impróprios, vagos e fracassados, são deixados de lado porque soam como profanações científicas. Entretanto, são os referidos saberes que podem sugerir a indisciplina dos gêneros, a insegurança das mensagens midiáticas e quando tratados como periféricos, sutilmente, se atualizam até que a blasfêmia tenha a coragem – ou a liberdade – de lhes acessar. Quando ocorre o acesso dos saberes alquímicos, pelas vias das metodologias não amadas, é que desembaraçam as contribuições outras sobre as temáticas pesquisadas. Recordamos de Caetano (2011, p. 2012) porque aludimos a pesquisa à sexualidade, ambas podem compartilhar dos desejos do *status quo*, disciplinadas e conservadas pelas relações de poder que decidem quem deve e como devem ser exercidas.

A sonhada liberdade ou a opção de criar novos tipos de liberdade e novas questões à vida são a base da sociedade democrática e de possibilidade de construir infinitamente o conceito de cidadania, de modo a ajustá-lo às necessidades dos coletivos de sujeitos. Como na política e na cultura, a sexualidade é o lugar do impossível, é o espaço em que o sujeito deixa suas contribuições e se torna protagonista de sua prática e invenção. Com ela, em situações democráticas, o fim da vida é o limite da criação e da invenção de si (CAETANO, 2011, p. 12).

A democracia aclamada vem como resposta ao autoritarismo, às fórmulas prontas que precarizam a subjetividade e generalizam as identidades. É urgente que ocorra a democracia, em razão da existência do autoritarismo na Educação, nas relações de gênero, nos estudos de mídias e na prática de pesquisa. São campos que relacionamos porque entendemos a afinidade entre eles a partir de movimentos de engessamento, os quais enclausuram os saberes e os poderes, bem como sequestram outras concepções de mundo.

Assim, são democráticos os olhares que, epistemologicamente, analisam as mídias, as relações de gênero, as sexualidades, ainda que o regime de verdade almeje imobilizá-los. Entretanto, quem blasfema com a coragem de não reprodução pode servir de alvo pedagógico, em razão de dissipar saberes tratados como não científicos, não metodológicos, não amados. Uma verdadeira chacina de subjetividades e contribuições que se assemelham ao fascismo que destila ódio às diferenças, àquelas que destoam, que discordam, que fogem à norma.

E, nesta perspectiva, “[o] ódio serve de substância estupefaciente, rumo à fantasia da dominação total, na qual não haverá seres diferentes porque eles terão sido eliminados. Esses seres são criados e etiquetados como inimigos” (TIBURI, 2020, p. 25). Os/as inimigos das pesquisas, aqueles e aquelas que ousaram trilhar o caminho das metodologias não amadas, os/as quais levaram em consideração suas emoções, desejos, poderes, saberes e concepções de mundo para a prática de pesquisar, se tornam alvo da hegemonia que não deseja perder seu posto de protagonista, muito menos deseja ter coadjuvante. A pesquisa hegemônica, que se apresenta como um tutorial de receita, não quer ameaças, uma vez que somente ela é sinônimo de sucesso.

Não amadas, as metodologias que se produzem em diferentes trajetos e tempos, tal como estimula o pensamento de Zago (2017) na proposta de uma prática de pesquisa que se coloca na dimensão não-fascista. Assim, ao invés de apaixonar-se pelo poder, buscar o múltiplo e ao invés de fixidez, aproveitar a viagem nos deslocamentos temporais, espaciais e de conhecimentos que a pesquisa pode gerar.

Libere a ação política de toda a forma de paranoia unitária e totalizante. Faça crescer a ação, o pensamento e os desejos por proliferação, justaposição e disjunção, antes que por submissão e hierarquização piramidal. Libere-se das velhas categorias do Negativo (a lei, o limite, a castração, a falta, a lacuna) que o pensamento ocidental por tanto tempo manteve sagrado enquanto formas de poder e modo de acesso à realidade. Prefira o que é positivo e

múltiplo, a diferença à uniformidade, os fluxos a unidades, os agenciamentos móveis aos sistemas, considere que o que é produtivo não é sedentário, mas nômade (FOUCAULT, 1988, p. 2).

E, assim, a meta-narrativa elimina a liberdade e a democracia na pesquisa e oferece como compensação o frágil sentimento de pertença pela participação na lista daqueles e daquelas que separam métodos de teorias, metodologia da pesquisa e referencial teórico, das pessoas que podem anular suas percepções autorais para fazer caber as elucubrações nas hipóteses previamente agendadas. A fixidez dos métodos é apresentada como indispensável para o sucesso da pesquisa, porém não são citadas as redundâncias como estratégias de apreensão dos fenômenos acerca do conhecimento científico. Portanto, pela rigidez, o horizonte é a chegada, pela via do controle, enquanto para as metodologias não amadas, o horizonte é incerto, ainda está sendo desbravado, uma vez que o caminho é tão quão importante quanto onde se quer chegar.

É necessária a retomada da aprendizagem que Clarice Lispector (1998, p. 62) nos proporciona ao escrever que “perder-se também é caminho”, desse modo, não é possível pensar em meta/odos – lateral ao caminho, para caminhar – sem compreendermos que o passo é tão relevante quanto a direção. Assim, metodologias não amadas, fracassadas, limitadas são as honestas formas de compreender que estamos na disputa pelos conhecimentos e as verdades que foram instituídas

CONSIDERAÇÕES PERDIDAS

O trabalho da pesquisa precisa estar vinculado a ideia de produção de forma que seja possível que as/os pesquisadoras/es não sejam desvinculadas/os e descontextualizadas/os, bem como os produtos das pesquisas que foram empreendidas. A tarefa que empreendemos nesta direção é a de provocar o debate e a inscrição de sentidos outros acerca do campo metodológico que é oferecido para pensar os estudos de gênero e as dimensões das análises de artefatos midiáticos.

Há, nesta discussão, o convite ao incômodo que a pesquisa tem por início e que, por vezes, perdura em diferentes projetos e oportunidades de estudos. Assim, ao invés de repetir métodos que são entendidos como ações prontas, que são aplicadas por pesquisadoras/es para coletar e analisar dados que são naturalizados, investimos em um

debate que reconhece a característica produtiva e constituinte de pesquisas no campo da Educação e nos estudos sobre gênero e mídias.

O trabalho de utilizar as metodologias não amadas também é uma proposta ético-política de se produzir um conhecimento que seja transitório, variável, plural e que entre nas disputas por outras formas de interpretar, produzir e conhecer o mundo, as interpretações, as dinâmicas e as ações que inscrevem noções de gênero nas mídias. Vinculada a uma prática contemporânea da pesquisa em Educação, a tarefa de pesquisar por outras metodologias também estimula as/os pesquisadoras/es a buscarem outras direções por meio da alquimia da prática científica.

Reconhecemos que esta proposta não ignora as contribuições até aqui fornecidas por metodologias amadas, repetidas e canonizadas, mas indicam outras interpretações, diferentes acessos e a possibilidade de se perguntar se ao repetirmos o que já foi feito no campo científico, avançamos ou realizamos a manutenção de saberes e conhecimentos estabelecidos? Entendemos que esta questão precisa estar no horizonte da pesquisa educacional e para os estudos de gênero e de mídias no contemporâneo, em razão de abrir o leque de possibilidades de ver o mundo, de ampliar as problematizações e inserir, na cena científica-social, outros saberes que, até então, estavam na periferia dos significados.

Não seguir as receitas existentes é uma possibilidade de originalidade na metodologia de pesquisa, é a chance de evidenciar mudanças, avanços, misturas, explosões de saberes - e sabores - sobre o campo de estudos das mídias e dos gêneros. Tratamos, portanto, de outros modos imaginativos de fazer pesquisa, os quais desinventem dados, cenários, fenômenos e oscilem em experimentações indisciplinadas, que evidenciem as metodologias não amadas como metodologias possíveis e existentes.

Referências

BELLINI, Luzia Marta. A cultura do Serrote: quando o pensamento é abandonado na pesquisa. **Caderno de apoio ao ensino**, n. 1. Maringá: UEM, p.65-78, 1988.

BONIN, Iara; RIPOLL, Daniela; WORTMANN, Maria Lúcia Castagna; SANTOS, Luís Henrique Sacchi dos. Por que Estudos Culturais? **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 45. n. 2, p. 1-22, 2020.

CAETANO, Marcio Rodrigo Vale. **Gênero e sexualidade**: um encontro político com as

epistemologias de vida e os movimentos curriculares. Tese em Educação. (Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal Fluminense. UFF, Niterói, 2011.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirintos da Pesquisa. In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.).

Caminhos Investigativos: novos olhares na pesquisa em educação. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 105-131.

FOUCAULT, Michel. Anti-Édipo: introdução à vida não-facista. In: Prefácio à edição americana do **Anti-Édipo**, de Gilles Deleuze e Félix Guattari [trad. F. Durand Bogaert, N. York, Viking Press, 1977]. Extraído de Carlos Henrique de Escobar (org), Dossier Deleuze. Rio de Janeiro: Hólon Editorial, 1991. Tradução de Carmem Bello a partir do texto editado na revista Magazine Littéraire , n. 257, septembre, 1988. Disponível em: https://pimentalab.milharal.org/files/2012/05/foucault_anti_edipo.pdf. Acesso em: 31 ago.2021.

GALLO, Sílvio. Sob o signo da diferença: em torno de uma educação para a singularidade. In: SILVEIRA, Rosa Maria Hessel (org). **Cultura, poder e educação: um debate sobre os estudos culturais em educação.** Canoas: Ulbra, 2011, p. 213-223.

HALBERSTAM, Jack. **A arte queer do fracasso.** Trad. Bhuvli Libanio. Recife: CEPE, 2020.

HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e mediações culturais.** Belo Horizonte/MG: Editora UFMG, 2003.

HARAWAY, Donna. Um manifesto para os Cyborgs: Ciência, Tecnologia e Feminismo socialista na década de 80. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Antropologia do Ciborgue: as vertigens do pós-humano.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. p.33-118.

LISPECTOR, C. **A Cidade Sitiada.** Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

NELSON, Cary; TREICHLER, Paula A.; GROSSBERG, Lawrence. Estudos Culturais: uma introdução. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Alienígenas na sala de aula : uma introdução aos estudos culturais em educação.** 11. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2013. p.7-37.

SILVA, Tomaz Tadeu da. O Adeus às Metanarrativas Educacionais. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos.** Petrópolis/RJ: Vozes, 1994, p. 247-258.

SWAIN, Tania Navarro. **O que é lesbianismo.** 1. reimp. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

TAKARA, Samilo. ACCORSI, Fernanda Amorim. Coreografias de resistência: gênero na educação. **Revista Fórum Identidades.** Itabaiana/SE, v.32, n.1, p. 81-96, 2020.

TIBURI, Marcia. **Como derrotar o turbotecnomachonazifascismo: ou seja lá o nome que se queira dar ao mal que devemos superar.** Rio de Janeiro: Record, 2020.

ZAGO, Luiz Felipe. Conhecimento em tempos de ódio: a pesquisa não fascista e a pesquisa impertinente com gênero e sexualidade. **Bagoas**. Natal, n. 16, p. 79-110, 2017.